

tactos com pessoas que se diziam iniciadas ou que já possuíam experiência iniciática, mas eu então ainda não passava de um discípulo e de um interlocutor. No dia em que o meu trabalho interior, a minha própria experiência vivida, me permitiram entrever realmente o brotar do ser transcendental, compreendi súbitamente aquilo que tradicionalmente se chama uma iniciação. O que era até ali intuição empírica tornou-se voluntário e sistemático. Eis por que, presentemente, depois de ter compreendido o que é o «eu transcendental» plenamente constituído face ao mundo exterior, tal como o deixei viver e actuar em *O Fosso de Babel*, se me torna difícil escrever outro romance. A minha experiência novelística afigura-se-me totalmente esgotada. O que pretendo realizar neste momento põe-me um problema de metodologia filosófica: se quero realizar o romance que desejo realmente escrever, tenho de pensá-lo em relação com *O Fosso de Babel*, ou seja, continuar aquela experiência ou tomar, pelo contrário, um rumo diferente.

V. H. — O senhor encontra-se no momento em que já realizou aquilo a que Husserl chama a *epojé*.

R. A. — Sim, mas no sentido de que a chamada «postura» entre parêntesis do mundo é permanente, no sentido de que a *epojé* nos conduz a esse paradoxo permanente de nos situar dentro e fora do tempo. Estou na fronteira, no umbral iniciático, mas vivo no tempo e possuo um corpo. De modo que o tema do meu próximo romance seria o mesmo, a tensão existente entre um corpo pertencente ao mundo e o «eu transcendental», que é extra-humano.

V. H. — Isso parece-me sumamente interessante porque neste momento o senhor representa algo como uma possível síntese entre certas tendências tradicionais esotéricas e a fenomenologia, um encontro entre uma procura que diria religiosa e uma filosofia de tipo científico.

R. A. — Pois seja, se assim o quer, mas o objecto das duas doutrinas é o mesmo. Aquilo a que poderemos chamar «as investigações esotéricas» tendem a abrir ou a realizar uma iniciação, e uma iniciação não é de modo algum uma operação abstracta e sim uma operação de vida prática, um instante privilegiado, durante o qual o conhecimento irrompe no homem, o conhecimento invade e aperfeiçoa a existência. A fenomenologia, que parece provir de uma intenção linear, como qualquer ensinamento de tipo exterior, chega ao mesmo resultado. Não foi em vão que Husserl chamou à fenomenologia «comunidade gnóstica» em uma das suas cartas. Trata-se, pois, de uma experiência vivida, iniciática. Nem o esoterismo nem a fenomenologia se baseiam na erudição, numa aquisição de conhecimentos.

Se há erudição ou informação numa fase preliminar ou preparatória trata-se, em definitivo, através da iniciação, mais de uma cristalização que de uma sedimentação. A distinção é capital. É certo que me encontro na junção dessas duas coisas, ou seja a iniciação esotérica e a fenomenologia, mas creio mais precisamente que o ensino tradicional apoiado nos dogmas ou, melhor, no fundo tradicional de todas as espiritualidades ou religiões, converge para a filosofia ocidental, baseada no ensino dos Gregos e de Descartes. Contudo, essa mesma filosofia, que até agora tem seguido uma marcha mais ou menos titubeante, realiza-se presentemente a si mesma numa filosofia da totalidade vivida. Uma filosofia da consciência. Tem sido ao longo de muitos séculos apenas uma filosofia do conceito, pois mais não fazia que dedicar-se a uma análise (Descartes alcançara o limite máximo e sem retorno da análise conceitual), ao passo que hoje, conforme a tudo quanto a tradição nos exige, ou seja, o vivido e não o aprendido, a filosofia deixa de ser uma filosofia do conceito, incluindo uma filosofia das essências, para tornar-se filosofia da consciência. Ora, deste ponto de vista existe convergência total entre a tradição esotérica e a fenomenologia. É como que um choque no qual as duas linhas se confundem.

V. H. — Eis a razão por que Guénon e Husserl nunca se conheceram, e um ignorou sempre o outro.

R. A. — Há que não esquecer que Husserl se baseia na ciência da qual parte, sendo um produto típico do Ocidente. Mas não é menos verdade que descobriu a tradição sem sequer se dar conta disso. Creio que a tradição não tem de surgir-nos, a nós ocidentais, como um conjunto dogmático e externo que tenhamos de aceitar tal como no-lo apresentam. É antes algo que recriamos, e neste ponto a minha posição é diferente da de alguns esotéricos, sequazes de Guénon, que consideram a tradição como um todo constituído, estranho à história ocidental. Não se trata de aceitar algo estranho e existente, mas sim de recriar. E resulta evidente que toda a filosofia ocidental surge como algo de grande intensidade e de imensa validade actual. O meu encontro com a verdade oriental não pode, pois, constituir uma simples imitação, mas antes, repito, uma recriação, e isto situa o Ocidente na corrente histórica de um positivismo absoluto. Não estou, portanto, de acordo com essas teorias a que chamam «esotéricas» e que sustentam que o Ocidente é uma catástrofe, algo que caiu numa decadência sem remissão. Creio antes que a tradição, a autêntica, não autoriza semelhantes conclusões. É necessário considerar o Ocidente na sua autonomia, no seu real valor positivo. Eis a fórmula de Husserl: toda a época em pleno desenvolvimento da sua voca-